AL BAIAN Socialista

Nº. 1 - Outubro 2007

Publicação da Liga Internacional da Luta Árabe

KAREEM EL-BEHEIRI

Trabalhadores grevistas de Ghazl el-Mahalla, no Egito

A LUTA DOS POVOS ÁRABES CONTRA O IMPERIALISMO

O plano imperialista-sionista se afunda cada vez mais no pântano que se tornou o processo revolucionário árabe no Oriente Médio, e o fortalecimento das forças de resistência no Iraque, Palestina, Líbano e Afeganistão. O imperialismo para sair desta nova crise impulsiona políticas e acordos militares com grupos e governos colaboracionistas para dividir e oprimir a luta do povo e assim fortalecer seus agentes.

Para tentar conter sua crise que não atinge só o seu plano, mas também os seus aliados na região, o imperialismo está apostando em novas alternativas e estratégias para o Oriente Médio. Após quatro anos e meio de ocupação do Iraque, a resistência do povo iraquiano levou a maior potência militar que a humanidade já conheceu para um completo fracasso. No Líbano a resistência liderada pelo Hezbollah causou uma derrota histórica ao exército sionista de Israel. A oposição que o Hezbollah faz parte, ameaça a estabilidade e o projeto do governo traidor de Siniora. Na Palestina o Hamas derrota Abbas e seu aparato militar al Fatah após um longo conflito na faixa de Gaza. No Afeganistão cresce qualitativamente a resistência contra a ocupação que começa a reverter a situação militar neste país.

Procurando ganhar novamente o apoio internacional o imperialismo norte-americano cria um novo capítulo de mentiras contra Irã e Síria, falando que eles são os responsáveis pelo "terrorismo no Iraque" e no perigo de armas nucleares em relação ao Irã. Isso quando Israel já tem há mais de 20 anos bombas nucleares com o apoio dos imperialismos francês e norte-americano. O imperialismo e o sionismo não aceitam o mais mínimo percurso independente desses países, apesar das sucessivas tentativas de negociação de seus governos.

Tanto o governo sírio como o iraniano poderiam colocar em cheque a política do imperialismo se assim o desejassem. Se não fora a sustentação que o Irã dá ao governo Al Maliki este já teria caído e a situação da ocupação dos EUA seria insustentável. Mas Ahmadinejad prefere buscar alianças tais como com o governo afegão títere de Karzai, prometendo-lhe segurança para negociar a estabilidade da região, do que arriscar uma radicalização e resistência que possa ameaçar cada vez mais a estabilidade da ocupação imperialista e estes governos.

O imperialismo norte-americano em associação com a Europa, por sua vez não quer saber de meias palavras. Quer a rendição total e a submissão colonial de toda a área. Frente às derrotas no Líbano e Iraque, vende armamento por milhões de dólares para o Estado sionista de Israel, Egito, Qatar, Bahrein, Kuwait, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Omã. Com estas alternativas o imperialismo pretende derrotar o processo revolucionário árabe, fortalecer o Estado sionista de Israel, armar os governos árabes traidores e pressionar a Síria e o Irã à capitulação total. Com esta medida o imperialismo procura sair da sua crise, retomar o controle do petróleo e assegurar os seus interesses na região através da recolonização política e do domínio militar permanente.

Nesta Edição

Editorial: Porque Al Baian • p. 2

EGITO: Greves ameaçam Mubarak • p. 2

IRAQUE: o povo está derrotando os ocupantes • p. 3

LÍBANO: A resistência derrotou o sionismo: não à unidade nacional com Siniora • p. 3

PALESTINA: Abaixo o golpe de Abbas!• p. 4 e 5

IRÃ: Liberdade para os sindicalistas presos • p. 5

Entre em contato: albaian5@gmail.com
www.arabe.marxismo.info

Contribuição R$ 1,50

EDITORIAL

PORQUE AL BAIAN

O jornal Al Baian Socialista é o periódico impresso mensal da Liga Internacional da Luta Árabe. Ele reflete o seu compromisso no acompanhamento da análise da conjuntura mundial, assim como intensa cobertura dos acontecimentos da luta de classe em nossos países árabes e a luta contra o imperialismo e seu aliado, o Estado sionista de Israel.

Não pode haver uma organização ou corrente política realmente revolucionária socialista que não possua uma imprensa partidária regular, não somente informativa, mas fundamentalmente para a análise de cada fato da luta de classes.

O seu conteúdo de análise conceitual é de visão socialista, e é tarefa revolucionária abraçar plenamente esta idéia sincera, para através dela ampliar a participação na luta contra o imperialismo que trava a nossa classe operária no mundo árabe, e que neste momento precisa do apoio dos revolucionários de todo o mundo.

Em meio a esta guerra impulsionada pelo Imperialismo norte-americano, defendemos como legítimo qualquer meio de luta dos povos atingidos pelo imperialismo. Ao mesmo tempo afirmamos que só o método da revolução proletária mundial será capaz de por fim à hegemonia imperial norte-americana que ameaça o planeta. Nenhum dos governos árabes defende até o fim a luta dos povos árabes contra o imperialismo.Seja os colaboracionistas seja os que se reivindicam nacionalistas. Postando-se no mesmo campo de batalha de todos os movimentos árabes de resistência ao imperialismo e seus aliados como o sionismo, declaramos que só a construção de um partido revolucionário internacional poderá conduzir as massas insurretas à vitória final. Neste sentido apoiamos a resistência iraquiana, libanesa, afegã e palestina mas ao mesmo tempo não depositamos a menor confiança nas suas direções, que pelo seu caráter burguês estarão sempre dispostas a negociar um acordo de acomodação com o imperialismo. Defendemos o direito das massas árabes à liberdade de expressão, o direito a obter a sua própria nacionalidade, por emprego e o aumento de salário, e pela liberdade da mulher para ter maior participação no processo revolucionário e na construção social. Lutamos pela Palestina Laica, Democrática e Não Racista no caminho ao socialismo e pela federação das repúblicas socialistas do Oriente Médio.

CONSELHO EDITORIAL Sadek Amin, Ahmad Naim, Aziz Nasser, Nadia Khalil, Hassan Al Barazili, Tarik khader e Muhssen Daoud

EGITO

GREVES AMEAÇAM MUBARAK

NASSER NOURI

As mulheres iniciaram a greve

NASSER NOURI

Trabalhadores protagonizam a maior onda de greves desde a Segunda Guerra

Termina em vitória a greve com ocupação de uma semana do principal complexo industrial egípcio no último dia 28 de setembro. Os 24 mil operários têxteis da Companhia estatal Misr Spinning and Weaving na cidade de Mahalla al-Kubra na região do Delta do Nilo conquistaram um abono equivalente a 90 dias de salário que deve ser ampliado a 130 dias de salário. Os salários serão reajustados em 7%, incidindo sobre os incentivos (remuneração variável). Também foi criada uma comissão para discutir as condições de trabalho e uniformes e, mais importante, o corrupto presidente Mahmoud al-Gibali e a diretoria da empresa foram demitidos. Os dias de greve serão considerados folga remunerada.

Esta é a segunda greve em menos de um ano. Em dezembro de 2006 os operários paralisaram 4 dias diante da ameaça de não receber abono e de privatização. O movimento foi iniciado por 3 mil operárias que foram às outras seções da fábrica gritando "onde estão os homens?". Imediatamente os operários aderiram e se reuniram em frente à fábrica gritando: abono de "dois meses" e ocuparam a fábrica. O batalhão de choque da polícia cercou a fábrica, cortou a água e a luz. Os operários convocaram os familiares e a população local. 20 mil pessoas se reuniram em frente à fábrica. Estudantes de várias escolas paralisaram as aulas. Foi feito o enterro simbólico dos diretores da empresa. Ao final o governo cedeu um bônus de 45 dias de salário e garantiu que a empresa não seria privatizada. O movimento grevista enfrentou o governo, a diretoria da fábrica e os dirigentes do oficialista sindicato dos têxteis. Após a greve se organizou um movimento por mudanças no sindicato. 14 mil assinaram um abaixo-assinado exigindo a demissão dos sindicalistas locais.

Esta greve é o ponto alto de um ciclo de greves que se iniciou em 2004, o maior desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Ao final da Guerra do Golfo em 1991 o governo egípcio assinou um acordo de ajuste estrutural com o FMI e o Banco Mundial que levou a várias privatizações, flexibilização de direitos trabalhistas e alta do custo de vida.

Ao contrário dos ciclos grevistas dos anos 80 e 90 que se restringiam ao setor público, esta onda atinge o setor privado. Em março e abril metade dos 12 mil operários têxteis da Companhia Têxtil Arab Polvara em Alexandria paralisaram por dois dias por participação igualitária nos lucros, pagamento de dividendos sobre ações, e contra o fim da licença saúde e fim de semana remunerado.

Também chama a atenção a operação tartaruga dos metroviários do Cairo em janeiro em solidariedade aos engenheiros ferroviários que paralisaram os trem de primeira classe entre Cairo e Alexandria. Vale lembrar que há um movimento por uma Federação Sindical independente do governo, a exemplo da Federação de Universitários impulsionada por ativistas que incluem desde a Irmandade Muçulmana até os trotskistas do grupo "Revolucionários Socialistas".

A maioria das greves foram vitoriosas mas a repressão do governo Mubarak tem se ampliado. Neste ano ele fechou o centro de serviços para trabalhadores e sindicatos (CTUWS) e está processando seus dirigentes.

O governo acusa a Irmandade Muçulmana – principal partido da oposição que elegeu 88 deputados em 2005 – e socialistas pelas greves. A Irmandade não tem tradição de se implantar no movimento operário e no passado ajudou o governo até mesmo a combater as greves. E hoje, frente às greves tende a se dividir entre um setor mais ligado à hierarquia, que teme as greves e tendem à conciliação com o regime Mubarak, e outro pressionado pelas bases cada vez mais enfurecidas com o regime, que em alguns casos dá apoio às greves.

O regime Mubarak é uma ditadura que se perpetua no poder desde a morte de Anwar Sadat, assassinado por um oficial em função da traição de reconhecer Israel e assinar um Tratado de Paz com os sionistas, abandonando a causa palestina. Mubarak manteve desde então sua ditadura a ferro e fogo, baseado no apoio financeiro e militar do imperialismo norte-americano. Para que se tenha uma idéia da submissão deste regime, os EUA lhe fornecem a segunda maior ajuda militar de seu orçamento, só perdendo para Israel neste quesito. E para garantir esses acordos, implantou-se uma ditadura cada vez mais feroz, sem a menor liberdade de expressão, mas que nunca é condenada pelos EUA, pois se trata de um regime pró-imperialista, comprometido totalmente com seus interesses.

Mas os efeitos da política neoliberal na vida cotidiana das massas, das traições à luta árabe quando no Iraque, Líbano, Palestina se dão grandes batalhas contra o mesmo imperialismo, vêm causando um crescente desprestígio do regime. Mubarak hoje encontra resistência em várias frentes. Além das greves operárias e o movimento estudantil, há conflitos com a Irmandade Muçulmana, jornalistas independentes, o Judiciário, ONGs e denúncias de desrespeito aos direitos humanos. Cada vez mais os trabalhadores estão relacionando seus bolsos vazios com as políticas do governo – falta de democracia, corrupção, subserviência aos Estados Unidos e falta de apoio à resistência palestina e iraquiana, além do desemprego crescente e do abismo entre ricos e pobres. Isto abre a possibilidade de derrubada da ditadura pró-imperialista de Hosni Mubarak.

IRAQUE

O POVO ESTÁ DERROTANDO OS OCUPANTES

A crise que as tropas de ocupação imperialista enfrentam após quatro anos e meio de invasão soma-se à heróica resistência do povo iraquiano contra a dominação do imperialismo norte americano. Nos últimos meses aumentaram os ataques da resistência contra as forças de ocupação e aumentou o número de mortos nas forças ocupantes. O governo fantoche de Al Maliki vive crise de fragmentação e instabilidade. Esta é a pior fase militar e política que enfrenta o imperialismo norte-americano no Iraque desde a sua ocupação.

O povo iraquiano sem dúvida vem acumulando vitórias sobre o inimigo através da sua permanente luta com vidas e sangue, provocando crises no governo Bush e seus colaboradores: os governos europeus que integram a coalizão, governos árabes e também a ONU que ajudou a elaborar a mentira histórica contra o povo iraquiano.

É evidente que a vitória eleitoral dos democratas nos Estados Unidos, que assumiram a maioria da Câmara e do Senado, é resultado da insatisfação da população norte americana em relação às seqüelas da guerra do Iraque 70% pedem a retirada imediata das tropas e expressam desconfiança. Os democratas suspenderam a exigência de um calendário de retirada gradual das tropas de ocupação do Iraque, e votaram a favor da liberação de 124 bilhões para financiar a nova estratégia de Bush. Isto significa que a classe dominante norte-americana apóia o projeto de Bush e quer assegurar por meio da guerra os interesses do imperialismo. Politicamente no terreno doméstico popular a guerra do Iraque está sendo interpretada como derrota.

Comprometidos com o governo de fachada de Nuri Al Maliki e sua asfixiante crise, o problema que enfrenta hoje o imperialismo norte-americano para a dominação do País não se trata apenas de como dominar o Iraque militarmente, mas também de como estabelecer politicamente um governo colaboracionista capaz de reunir todas as seitas religiosas e partidos do país para garantir o seu projeto, afastar a resistência e derrotar a luta.

O fracasso militar do imperialismo norte-americano ante a resistência popular inviabilizou seu plano político e fragmentou o governo fantoche com a saída dos ministros xiitas comandados por Moqtada Al Sadr, a retirada do principal partido político sunita, a Frente de Acordo, e recentemente a saída de mais quatro ministros sunitas. Mesmo entre a população xiita, é cada vez mais difícil manter a autoridade do governo títere. Várias milícias estão desferindo golpes às tropas inglesas e norte-americanas. Apesar da participação de Al Sadr no governo e na coalizão parlamentar de sustentação do governo títere de Al Maliki e de seus vaivens em relação à militância, as bases do Exército Mehdi e outros grupos xiitas são hoje responsáveis por mais de 70% dos ataques contra as tropas de ocupação em Bagdá e no sul do país, até antes da trégua anunciada por Al Sadr que foi negociada com o governo Maliki.

A incapacidade do imperialismo norte americano para impor uma guerra civil no Iraque dificulta mais ainda a sua saída da crise. Como nova tentativa o imperialismo arma tribos religiosas contra outras. Os atentados às mesquitas e contra civis das diferentes seitas são elaborados pelo imperialismo norte americano para provocar o enfrentamento entre xiitas, sunitas e curdos. Por outro lado aumentam os atritos políticos pessoais entre Bush e o primeiro ministro Nuri Al Maliki após uma troca de acusações sobre a falta de segurança em Bagdá. Tudo evidencia o tamanho da crise que enfrenta o imperialismo norte-americano e sua incapacidade de controlar politicamente e até militarmente a situação. Também evidencia a crise dos seus colaboradores, já que desde a sua formação inicial, este governo demonstrou incapacidade para controlar a resistência, e falta de poder e confiança para governar o país.

Tropas britânicas saem de Bassora e os EUA se vêem sozinhos numa ocupação frustrada

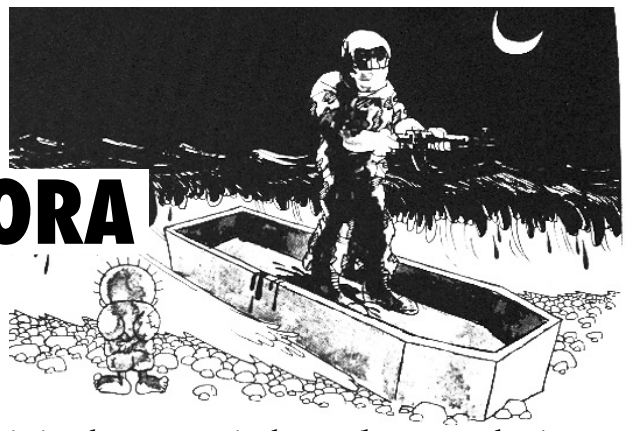
Não são só os EUA que aprofundam sua crise. O governo britânico fez questão de reiterar que a retirada de Bassora "não é uma derrota". Este é mais um duro golpe contra o imperialismo norte-americano. Em meio à pior crise política desde o início da ocupação, em março de 2003, nem mesmo o maior aliado dos EUA consegue se manter em uma guerra inviável.

Os primeiros a se retirarem do Iraque foram os países submetidos à política imperialista: Ucrânia, Dinamarca, Espanha, Nicarágua, República Dominicana, Honduras, Filipinas, Tailândia e Portugal. Não existe mais força de coalizão, o que reflete o completo desmantelamento da dominação imperialista.

Para derrotar definitivamente o plano imperialista é necessária a construção de uma direção revolucionária com um programa capaz de unificar a luta no marco da resistência pela libertação nacional e a tomada do poder e sua substituição por um governo que represente todos os trabalhadores de todos os setores, religiosos ou não. Só este programa será capaz de conduzir a luta nacional, derrotar o governo pró-imperialista de Al Maliki e afastar a burguesia religiosa que procura acordos com o imperialismo. Só uma direção revolucionaria será capaz de unir a luta árabe para expulsar o imperialismo e seus agentes - os governos colaboracionistas e o sionismo - de todo o Oriente Médio

LÍBANO

A RESISTÊNCIA DERROTOU O SIONISMO: NÃO À UNIDADE NACIONAL COM SINIORA



A vitória contra Israel demonstrou para os povos árabes e muçulmanos que a derrota e a destruição do Estado sionista de Israel é possível mas é preciso unificar a luta. Por isso, o Hezbollah é um dos principais alvos dos ataques dos EUA e do sionismo no Oriente Médio. Querem desarmá-lo e derrotá-lo para golpear indiretamente o avanço dos movimentos revolucionários de toda a região.

Após o triunfo histórico na guerra contra Israel, o Hezbollah passou a estar em uma posição de força o que exige que a situação do país seja adequada à nova realidade. No entanto, até agora, as reivindicações do Hezbollah se limitaram a exigir um governo de unidade nacional, com mais peso da oposição. O Hezbollah alega que essa proposta pode pôr fim à corrupta elite política que vem governando o país desde a sua independência. Mas um governo que inclua Aoun, ex-presidente e dirigente da velha oligarquia, que mantenha um peso considerável de Siniora, Hariri e que deixe intacta a estrutura confessional do país não vai resolver nenhum problema de fundo.

O primeiro-ministro do governo fantoche de Fuad Siniora é ligado diretamente aos EUA e tem o apoio de todos os Estados e governos do mundo, inclusive de Israel. Como funcionário da família Al Hariri ele tem fortes laços políticos e amizades empresariais com grandes financistas internacionais. É um sólido partidário do "livre mercado" e aplica uma política neoliberal que está fazendo mais ricos aos ricos e mais pobres aos pobres. Ante esta situação o país está desenvolvendo um enfrentamento classista nunca visto antes, e que abre o caminho para o confl ito de classes, que será inevitável no futuro, mesmo com todas as reformas apresentadas hoje.

O plano imperialista-sionista cria novas armadilhas para a resistência e visa diretamente o Hezbollah com o objetivo de desarmá-lo e enfraquecer seu peso político no Líbano, matar as esperanças das massas árabes que lutam pela libertação e a autodeterminação, paralisando assim a resistência no Iraque e na Palestina, e desta forma impor pela força as condições imperialistas na região, para negociar seu projeto de paz.

No dia 20 de abril, o exército libanês iniciou uma ofensiva militar contra os militantes do grupo Fatah Al-Islam, no campo de refugiados Nahr al Bared, no norte do Líbano. Após 106 dias de combates, o exército libanês anunciou a tomada do campo de refugiados. Em todo o conflito, ao menos 158 militares foram mortos. A situação ficou muito pior para os refugiados palestinos. Hoje no acampamento faltam alimentos, energia, água, remédios e assistência médica, ou seja, o campo de refugiados foi submetido a um novo massacre.

Uma das estratégias adotadas pelos EUA é o financiamento de grupos sunitas - terroristas ou não - para combater grupos xiitas e conter a sua expansão pelo Oriente Médio. O plano original do imperialismo era armar a organização sunita Fatah al-Islam para criar uma futura guerra contra o Hezbollah.

Segundo uma entrevista concedida à CNN (CNN, 25/5/2007), o jornalista Seymor Hersh explica em um de seus artigos que o governo Siniora, os EUA e o príncipe Bandar, da Arábia Saudita, articulam o armamento e o financiamento do Fatah al-Islam que funcionaria como recurso em caso de confrontos com o Hezbollah.

Esta ofensiva militar na realidade faz parte da grande operação militar do imperialismo na região do Oriente Médio. No Líbano ele tenta remediar a derrota do exército sionista e, para intervir mais ainda na crise, o Departamento do Estado Americano aprovou um aporte de US$ 280 milhões para o governo Siniora e o envio de toneladas de armamento para reforçar o exército libanês para legitimar e dar sustento ao governo Siniora que abre espaço frente ao imperialismo para manipular a crise. Esta imposição imperialista cumpre um objetivo bastante preciso, como parte integrante do seu plano na região, de atingir a Síria e a resistência dirigida pelo Hezbollah.

Esta justificativa usada pelo imperialismo para atacar as bases e os militantes do grupo Fatah Al-Islam não passa de uma nova manobra política, para alimentar a guerra civil no Líbano e, assim, enfraquecer a posição do Hezbollah e assim justifica-se a instalação das forças da ONU na fronteira entre o Líbano e a Síria por um lado e por outro, pressiona o Hamas aceitar o plano de Abbas que visa continuar cedendo até resolver definitivamente o problema dos refugiados palestinos pela total renúncia de seus legítimos direitos.

Neste sentido o Hezbollah não teve uma posição efetiva para romper com o governo pró-imperialista. Pelo seu caráter nacionalista burguês, diante desta situação política grave e complexa, se limitou a formular um chamado a um "governo de unidade emergencial" conformando-se com a critica da brutal ofensiva por parte do exercito.

É necessário reconhecer que o Oriente Médio, em particular o Líbano, a Palestina e o Iraque formam atualmente a frente principal de batalha contra o imperialismo e seus aliados, os sionistas, e sua derrota depende do avanço dos movimentos de resistência na região e do papel de apoio dos movimentos da esquerda mundial.

A ação direta das massas exploradas libanesas e palestinas é o único caminho para sair da atual crise e enfrentar a ofensiva imperialista. Nesta situação nos colocamos ao lado do povo libanês e palestino contra esta ofensiva montada pelo imperialismo voltada para submeter os povos explorados a guerras civis e mais miséria.

Pela ruptura do Hezbollah com o governo Siniora!

É necessário organizar os trabalhadores de forma independente e construir uma direção socialista revolucionária. O único caminho para derrotar este governo pró-imperialista é a unidade de todas as forças revolucionárias no Líbano numa direção revolucionária para conduzir a batalha contra o Estado sionista de Israel, e a tomada do poder pelos trabalhadores libaneses que há décadas lutam por uma vida melhor.

PALESTINA

ABAIXO O GOLPE DE ABBAS!

A libertação da Palestina: uma luta histórica

O enclave imperialista, desde a sua criação com a ajuda da ONU em 1948, atua como gendarme contra a nascente onda revolucionária antiimperialista árabe, em meio a uma região estratégica por suas reservas petrolíferas. Por isso, desde a criação do Estado de Israel, o povo palestino, e as massas árabes em geral, tem a necessidade de lutar pela libertação de sua terra expulsando o invasor sionista, que por sua essência, usa as tréguas e as negociações de paz para avançar com mais agressões militares e expansão territorial.

Al Fatah, a Intifada, os acordos de Oslo e o surgimento da Autoridade Nacional Palestina

Após a sua fundação, Al Fatah lançou suas famosas bandeiras de "Luta até o desmantelamento do estado sionista" e "Por uma Palestina Laica, Democrática e Não Racista" que conseguiu expressar a necessidade histórica de luta do povo palestino. Isto lhe permitiu transformar-se na direção das massas palestinas. Porém na década de 80, após a sua derrota no Líbano e a pressão dos governos burgueses árabes, Arafat e a Al Fatah abandonaram seu programa.

A heróica Intifada surge naturalmente como resposta à situação política palestina e para enfrentar a opressão do inimigo, passa a representar a mais alta expressão de luta do povo palestino-árabe. Uma das suas maiores vitórias conquistadas, foi trasladar a batalha de fora das fronteiras para dentro dos territórios ocupados da Palestina. A Intifada entrou em uma fase da sua luta histórica num rumo avançado contra a opressão sionista, ameaçando a estabilidade do seu Estado e os interesses do imperialismo na região representada pelo alinhamento dos governantes árabes traidores. Perante esses novos e importantes acontecimentos o sionismo e o imperialismo determinaram um necessário acordo de paz na região com o objetivo de acabar com a Intifada.

Arafat e a Al Fatah após terem abandonado seu programa, passaram a aceitar a criação de "dois estados" (israelense e palestino) e começaram a centrar sua política na negociação com o imperialismo. Isto se concretizou em sua capitulação nos "Acordos de Oslo" (1993). Em troca da duvidosa existência futura desse pequeno estado palestino, aceitaram a criação da Autoridade Nacional Palestina (ANP), uma superestrutura colonial com uma autonomia muito limitada.

A partir da criação da ANP nos territórios de Gaza e Cisjordânia, Arafat e a direção da Fatah assumem o poder desta reduzida administração e passam a ter um novo caráter: "gerentes autóctones" de uma estrutura colonial. O sionismo aproveita essa capitulação para estender suas colônias na Cisjordânia e em Gaza, controlar a água e construir estradas "só para judeus" nesses territórios. A vida dos habitantes palestinos se transformou num verdadeiro inferno. Ao mesmo tempo, em meio de uma corrupção total, os dirigentes da Al Fatah usavam em seu próprio beneficio o orçamento da ANP. Enquanto isso, as massas palestinas sofriam todo tipo de privações. O desgaste do prestígio da Al Fatah entre o povo palestino foi se acelerando.

O triunfo eleitoral do Hamas colocou os planos de Oslo em crise

O imperialismo e Israel trataram de "legalizar" a situação colonial da ANP através de eleições palestinas. É neste marco que se dá a vitória do Hamas nas eleições parlamentares da ANP, em 2006. Este resultado foi uma vitória das massas palestinas contra os planos de Oslo. Embora o Hamas seja uma direção burguesa e fundamentalista religiosa, o fato de manter em seu programa o chamado à destruição de Israel e a ausência de uma direção revolucionária para conduzir e organizar a luta iniciada pela Intifada, fez com que as massas palestinas votassem nela para repudiar a traição da Al Fatah.

O imperialismo e Israel não reconheceram o resultado eleitoral e começaram a pressionar para exigir que o novo governo da ANP, dirigido pelo Hamas, reconhecesse o Estado de Israel e aceitasse a continuidade dos acordos de Oslo. Por isso, restringiram o abastecimento da Faixa de Gaza, bloquearam a ajuda financeira dos EUA e da União Européia (imprescindível para o funcionamento da ANP). O objetivo era "quebrar pela fome" o povo palestino e o governo que ele havia eleito.

A expulsão da Al Fatah de Gaza e a esquerda palestina

A situação nos territórios palestinos se agravou com o enfrentamento entre suas duas organizações de maior peso. O Hamas tomou o controle da Faixa de Gaza e expulsou as forças da Al Fatah, enquanto que o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmud Abbas, máximo dirigente da Al Fatah, deu um golpe de Estado de fato, expulsando o Hamas do governo.

Organizações da esquerda palestina, apesar da sua ausência e afastamento da luta direta contra o inimigo, qualificaram esses enfrentamentos como "uma tragédia", chamando o fim das hostilidades e a unidade de ambas as organizações na luta contra Israel. A mesma posição foi defendida por diversas correntes de esquerda em outros países.

É indubitável que esses enfrentamentos debilitam a luta do povo palestino por sua libertação. Sob este ponto de vista, trata-se, efetivamente, de "uma tragédia", porque significam um triunfo de Israel e do imperialismo.

No entanto, esse fato não pode impedir que façamos uma análise mais profunda do que representa hoje cada uma das forças em conflito, para que assim constatemos que uma dessas organizações (Al Fatah) já não defende os interesses do povo palestino e que sua direção se transformou em agente direto de Israel e do imperialismo. Essa caracterização é central para definir a posição que os revolucionários devem adotar diante do conflito.

Abbas, o homem do imperialismo na Palestina e suas provocações

Após a morte de Arafat, a eleição de Mahmud Abbas como sucessor acentuou essa dinâmica. Israel continua a construir o "muro da segregação racial", separando os territórios e aproveitou para roubar ainda mais as terras palestinas. O imperialismo respalda Abbas claramente como seu agente na Palestina.

Abbas, que mantém o cargo de presidente da ANP, trabalhou por dentro do governo para obrigar o Hamas a aceitar a rendição, seguindo o mesmo caminho que a Al Fatah percorrera. Abbas já não é simplesmente uma direção burguesa que capitula: se transformou em um agente direto de Israel e dos EUA dentro dos territórios palestinos, um colaboracionista similar ao que foi o "governo de Vichy" na França ocupada por Hitler, ou ao de Karzai, no Afeganistão atual.

A área de segurança de seu governo agora é assessorada pela CIA! Seu homem chave neste setor, Mohamed Dahlan, construiu um "exército particular" da presidência, com armas enviadas diretamente pelos EUA, e Israel permitiu que essas armas chegassem a ele. Dahlan também montou em Gaza um dispositivo para realizar ações criminosas, reprimir a população e fazer constantes provocações contra o governo dirigido pelo Hamas. Isto foi gerando uma revolta que levou aos últimos enfrentamentos.

Um golpe de Estado e a resposta das massas empurra o Hamas a ir mais longe do que queria

Desde que ganharam a eleição, os dirigentes do Hamas propuseram formar um "governo de unidade nacional" com o Fatah. Inclusive depois que se tornou evidente que Abbas estava armando um golpe contra o governo, em conjunto com Israel, o Hamas continuou com este chamado, fazendo negociações através do Egito e da Arábia Saudita. Chegou mesmo a formar um governo com vários ministros indicados por Abbas. Mas essa coalizão nunca foi aceita pelos EUA, pela União Européia (alinhada claramente com a posição de Bush) nem por Israel. Eles iriam boicotar todo governo em que o Hamas estivesse presente, enquanto esta organização não reconhecesse explicitamente a existência do Estado de Israel. Através do cônsul geral dos EUA em Jerusalém, Jacob Walles, e de um emissário especial de Inteligência, Keith Dayton, foi planejada a linha de armar os homens de Abbas para liquidar o Hamas.

Foi a preparação deste verdadeiro golpe de estado implementado por Abbas e apoiado pelo imperialismo e por Israel que produziu a reação das massas de Gaza e empurrou o Hamas, forçando-o a expulsar desse território os agentes diretos do imperialismo, o aparato militar armado por Dahlan e a polícia da Al Fatah que, apesar de seu moderno armamento, não resistiu por muito tempo. Acreditamos que essa operação foi um triunfo das massas palestinas, porque, apesar da difícil situação em que se encontra hoje a Faixa de Gaza, libertaram esse território do controle de Israel e de seus agentes.

Depois da expulsão de seus homens, Abbas completou seu golpe de Estado e, ignorando o resultado eleitoral de 2006, nomeou um "governo de emergência", encabeçado por Salan Fayyad, ex-funcionário do FMI e do Banco Mundial, cruel zombaria frente à heróica luta do povo palestino contra o imperialismo norte-americano e Israel.

Este novo fantoche tem uma tarefa: apoiar-se no aparato de Abbas e na Al Fatah, instalado na Cisjordânia, para esmagar a resistência, retomar Gaza e impor o plano sionista e imperialista de liquidar toda possibilidade de libertação real da Palestina. Para isto, alem do aparato repressivo, tratará de utilizar dois fatores. Por um lado, a dificílima situação social e humanitária de Gaza, tratando de derrotá-la pela fome. Por outro, os milhões de dólares que o imperialismo e Israel começaram a entregar nas mãos do novo governo.

De que lado devem se posicionar os revolucionários?

A esquerda mundial tem a obrigação de tomar uma posição clara frente a esses fatos. Para nós, neste conflito, de um lado estão o imperialismo, Israel e seus agentes colaboracionistas; do outro as massas palestinas em luta por sua libertação. Por isso não temos dúvidas: estamos categoricamente no campo da resistência, independentemente de quem seja sua direção. Em outras palavras, nos colocamos incondicionalmente no "campo militar" do Hamas. O que significa isso? Significa que, sem dar nenhum apoio político ao Hamas, nem chamar as massas a confiar nessa direção, defendemos seu triunfo na batalha contra os colaboracionistas, porque esse "campo militar" é hoje das massas palestinas em sua luta contra décadas de opressão. É a mesma posição que se deveria ter junto à Resistência contra os nazistas e os colaboracionistas, na Segunda Guerra Mundial, ou junto ao Vietcong na guerra do Vietnã.

Ao mesmo tempo, acreditamos ser imprescindível que todas as organizações da resistência palestina nos territórios de Gaza e da Cisjordânia, assim como as organizações dos campos de refugiados dos países vizinhos e da diáspora mundial, unam-se para deslegitimar o governo fantoche de Fayyad e para lutar juntos contra os inimigos externos e internos da causa palestina. Houve uma série de denúncias de atropelos às liberdades da imprensa e das correntes políticas em Gaza após a expulsão da Al Fatah. Isso seria um grave problema. Para enfrentar o isolamento é necessário que o Hamas tenha uma política de liberdades em Gaza, de modo a dar exemplo e unir de fato a resistência contra Israel, e seus colaboradores. Apoiamos o povo palestino e defendemos seu legítimo direito a qualquer método de luta pelo desmantelamento do Estado sionista de Israel, pela libertação dos territórios ocupados e pela Palestina laica democrática e não racista. Para conduzir esta luta histórica é necessária a construção de uma direção revolucionária palestina com um programa sólido que possa expressar as necessidades das massas.

IRÃ

LIBERDADE PARA OS SINDICALISTAS PRESOS

WWW.IWSN.ORG

Professores em greve protestam em Teerã

No dia 9 de agosto de 2007, foram realizadas manifestações em 27 países exigindo liberdade para Mansour Osanloo, líder da greve dos condutores de ônibus da empresa estatal Vahed em Teerã, e Mahmoud Salehi, ex-presidente do sindicato dos padeiros de Saghez no Curdistão Iraniano, preso desde 9 de abril de 2007.

A prisão, em condições degradantes, sem acesso a familiares ou a seus advogados, é parte dos esforços do governo iraniano para impedir o crescimento do novo sindicalismo.

O novo sindicalismo começou a surgir no final dos anos 90 de lutas dispersas contra a falta de pagamento, por melhores salários, contra o desemprego, e pelo serviço de saúde. Estes são efeitos das políticas neoliberais aplicadas pelo governo iraniano desde o fim da guerra contra o Iraque em 1988.

No dia primeiro de maio de 1999 trabalhadores protestaram contra uma nova lei que isenta as pequenas empresas de cumprir as leis trabalhistas, seguido de outro protesto nacional contra a redução de assistência médica e contra a privatização de hospitais.

Em janeiro de 2001 os professores fizeram 4 manifestações em Teerã, a maior com mais de 10 mil manifestantes, exigindo equiparação salarial, plano de carreira e mais verbas para a Educação.

Em 15 de julho de 2001, operários de duas fábricas têxteis foram ao Majles (parlamento iraniano) reivindicar salários atrasados. Eles foram agredidos e quatro trabalhadores morreram. O presidente do Irã era o "reformista" Khatami, eleito com a promessa de maiores liberdades democráticas.

Em março de 2003, os professores fazem uma greve nacional de uma semana. Em Teerã cerca de 400 escolas ficam sem aulas.

Em 2004, sete sindicalistas são presos e processados em Saghez por organizar um ato de primeiro de maio. Um dos líderes é Mahmoud Salehi.

Em 2005, os condutores de ônibus de Teerã organizam um sindicato independente, e em dezembro param de cobrar passagem em protesto por melhores salários. Os líderes são presos e mesmo assim eles paralisam no dia 25 de dezembro. O prefeito de Teerã promete negociações mas o líder, Mansoor Osanloo, segue preso. No final de janeiro, o sindicato convoca nova greve para o dia 28. A polícia e as forças de segurança prendem 500 dos dois mil grevistas e organiza um esquema de emergência.

Em 2006 os operários da maior montadora iraniana, a Iran Khodro, paralisaram por salários. No dia primeiro de maio dezenas de milhares de trabalhadores de todo o país se manifestam em Teerã.

Em 8 de março de 2007, 50 mil professores tomam as ruas de Teerã. Cinco a seis mil trabalhadores participam do ato de primeiro de maio. A vanguarda são os condutores de ônibus que gritam slogans pela Liberdade para Osanloo e Salehi, e pela unidade com estudantes e professores.

Este jovem movimento operário retoma a tradição de luta dos conselhos operários que jogaram um importante papel na Revolução Iraniana de 1979.

Hoje os imperialismos americano e europeu ameaçam o Irã com boicote econômico e ataques militares. Nós, de Al Baian, como militantes socialistas e antiimperialistas, nos colocamos contra qualquer tipo de sanção ou ataques militares. Chamamos o movimento operário e socialista do mundo inteiro a repudiar esse tipo de ameaça e a defender o direito soberano do Irã a sua autonomia e inclusive a ter acesso à energia nuclear. Os Estados Unidos não têm moral para impor a nenhum país restrições nesse terreno pois são o único país que já utilizou a bomba atômica contra a população civil e estimulou Israel (junto com a França) a armar-se até os dentes com bombas nucleares.

Por outro lado, não aceitamos a repressão do regime iraniano contra as lutas e a organização dos trabalhadores. A melhor forma de enfrentar o imperialismo é se basear na organização e na luta dos trabalhadores iranianos, e na solidariedade dos trabalhadores de todos os países. A repressão contra os trabalhadores iranianos enfraquece a luta contra o imperialismo. Os trabalhadores são os principais interessados em expulsar o imperialismo de todo o Oriente Médio afinal a presença militar imperialista só traz destruição, morte e privações para o povo. Por isso os socialistas de todo o mundo devem apoiar os trabalhadores iranianos, participar da campanha pela libertação de seus líderes, ao mesmo tempo em que devem repudiar o imperialismo, suas sanções e suas ameaças de guerra .

A campanha pode ser acompanhada através do site www.iwsn.org

المتعاملة مع الإمبريالية وطرد جهازها الذي لم يستطع الصمود كثيرا.

نؤكد ان هذا النصر هو نصر الجماهير الفلسطينية, لانه وبالرغم من وضعها الصعب التي تمر به في غزة, غير أنها إستطاعت تحرير هذة المنطقة من قبضة إسرائيل وعصابتها. فبعد طرد رجال عباس من غزة توج هذا الاخير إنقلابه الغير معني بنتائج إنتخابات عام 2006, بتعيين حكومة طوارئ, وعلى رئسها سلام فياض الموظف السابق في البنك الدولي ليقوم بدور الجلاد القاسي ضد الشعب الفلسطيني البطل. فهذة الحكومة المزيفة المشكلة في الضفة الغربية لديها مهمة أساسية وهي القضاء على المقاومة وإعادة السيطرة على قطاع غزة لفرض المشروع الإمبرييالي الصهيوني الرامي إلى القضاء على كل الإمكانيات الفعلية لتحرير الاراضي الفلسطينية. ولفرض هذا المشروع, ناهيك عن جهاز القمع فهنالك عاملين يُستخدمان, من ناحية اولى, الحالة المآساوية الإجتماعية والإنسانية في غزة, فبواسطة التجويع سيحاولون إسقاط صمود الشعب. ومن الناحية الثانية, هناك الملايين من الدولارات بدأت تهطل على حكومة عباس الجديدة برعاية الإمبريالية وإسرائيل.

إلى جانب من يجب على الثوار الوقوف؟

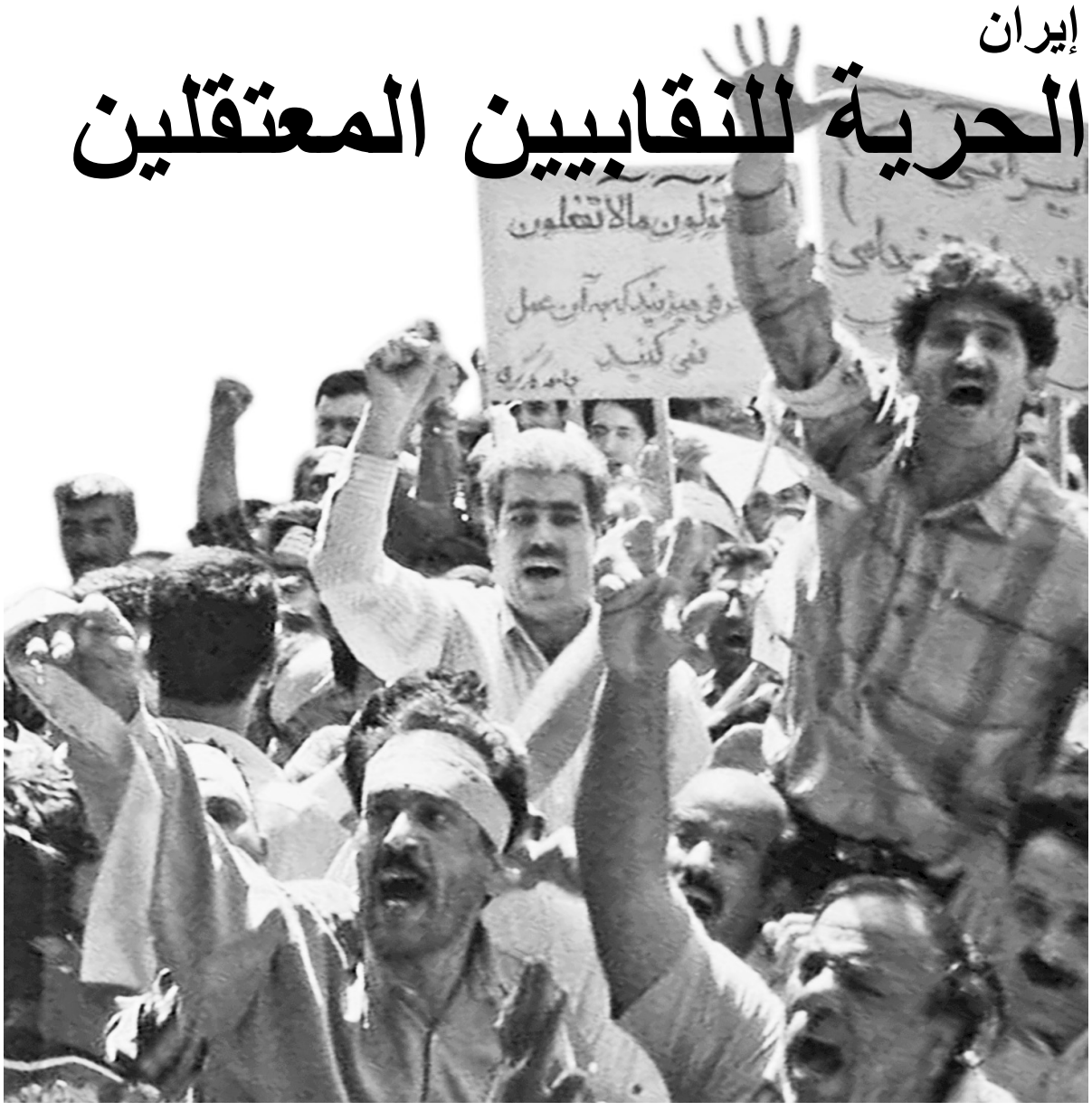
إن قوى اليسار العالمي مجبرة على إتخاذ موقف واضح أمام هذة المعطيات. فبالنسبة لنا ندرك ان في هذة المعركة هناك الإمبريالية وإسرائيل والمتعاملين معهم, من ناحية ثانية, هناك طرف الجماهير الفلسطينية والمقاومة التي تناضل من أجل التحرير. لهذا فإننا وبدون اي شك نقف إلى جانب المقاومة ونضع انفسنا في ذات الخندق بغض النظر عن قيادتها. بعبارة اخرى, نضع أنفسنا وبدون شروط في ساحة المعركة العسكرية لحماس. وماذا يعني هذا؟ يعني أننا لا نؤيد سياسة حماس, ولا ندعو الجماهير الفلسطينية للثقة في قيادتها, ندافع عن نصرها المحقق في المعركة ضد العملاء, لأن هذا النضال العسكري هو اليوم نتاج الجماهير الفلسطينية التي تناضال منذ عقود ضد القمع. إنه نفس الموقف الذي إتخذناه بالنسبة للمقاومة ضد العنصرية في الحرب العالمية الثانية أو بالنسبة لحرب الفيتنام. ونؤكد أنه لا بد من منظمات المقاومة الفلسطينية داخل غزة والضفة وأيضا المنظمات في مخيمات اللاجئين في الدول المجاورة وفي العالم من أن تتحد ضد حكومة فياض المزيفة لتفويت الفرصة امامها وللنضال سوية ضد الاعداء الداخليين والخارجيين. هنالك بعض الشكاوى ضد قمع حرية الصحافة في غزة وضد بعض التيارات السياسية جرت بعد طرد عباس. فهذا خطأ فادح مما قد يسبب العزلة, ويجب على حماس ان تعالج هذا الامر بحكمة وتقدم حرية للصحافة في غزة, كي تكون قدوة في جمع شمل المقاومة ضد إسرائيل وأعوانها.

ندعو قوى اليسار الفلسطيني بالإنشقاق عن حكومة عباس وبالإلتزام مع المقاومة. وإننا نؤيد الشعب الفلسطيني, وندافع عن حقه في النضال مستخدما اية من الاساليب النضالية من أجل تدمير الكيان الصهيوني وتحرير كل الاراضي الفلسطينية المُحتلة ومن أجل إقامة الدولة الفلسطينية الديمقراطية العلمانية اللاعنصرية. ولقيادة هذا النضال التاريخي لا بد من بناء القيادة الثورية وبرنامج صلب قادر أن يعبر عن طموح الجماهير.

إسرائيل لا تعيش بدون العنف

إيران

الحرية للنقابيين المعتقلين



العمال المضربين يتحدون سياسة النظام

بتاريخ 9 أغسطس من هذا العام, أقيمت العديد من المظاهرات في 27 بلد مطالبة بالحرية لمنصور أوسانلو, زعيم ومنظم إضراب سائقي الباصات في الشركة الحكومية فاهيد في طهران, المعتقل منذ عام 2005, ومحمود صالحي الرئيس السابق لنقابة الخبازين في ساغهيز في كردستان الإيرانية.

فحالة السجن الرديئة, ومنع الزيارات العائلية والمحامين, لا يدل إلى على نية النظام الإيراني لقمع عملية تصاعد الحركات النقابية الجديدة, التي بدأت تنمو في أواخر التسعينات نتيجة لعدة نضالات نقابية, من بينها المطالبة بتسديد الآجور المتأخرة, وبأجور عادلة, وضد مسألة البطالة وتعديلات في قطاع الصحة. فهذا الواقع هو نتيجة السياسة النيوليبرالية التي يطبقها النظام الإيراني منذ نهاية الحرب مع العراق.

ففي الأول من أيار 1999 قام العمال معارضين لقانونا جديدا يعفي الشركات الصغيرة من تطبيق القوانين التي تحمي حقوق العمال. ثم تلتها موجة من المظاهرات عمت كل إيران ضد تخفيض التعديلات الصحية وضد خصخصة المستشفيات.

في يناير 2001 قام المعلمين بأربعة إضرابات في طهران, بحيث واحد منهم جمع 10 الاف مضرب, مطالبين بتعديلات في الاجور, وبرنامج تعليمي جديد ودعم مالي لصالح قطاع التدريس.

بتاريخ 15 أبريل 2001, أضرب عمال الغزل في مصنعين وحضروا أمام المجلس الإيراني مطالبين بتسديد الاجور المتأخرة. هؤلاء العمال وجهوا بالضرب وقتل منهم أربعة عمال. هذا حصل في عهد الإصلاحي خاتامي, الذي انتخب تحت شعار أكبر حرية ديمقراطية.

في مارس2003, قام المعلمين بإضراب وطني لمدة أسبوع, خلال هذة الفترة 400 مدرسة في طهران بقيت مقفلة.

في العام 2004 سبعة نقابيين اعتقلوا بتهمة تنظيم نشاطات نقابية كانت ستقام لإحياء الاول من أيار. احد هؤلاء الزعماء كان محمود صالحي الذي سجن عدة مرات.

في سنة 2005, سائقي الباصات في طهران قاموا بتنظيم نقابة مستقلة, وفي شهر ديسمبر إتخذوا قرارا وقاموا بنقل المسافرين مجانا كشكل من الإضراب والمعارضة مطالبة بزيادة الاجور. قامت السلطات بتلك الاثناء بإعتقال المسؤولين, وبالرغم من ذلك إستطاعوا شل الحركة في طهران يوم 25 ديسمبر. رئيس بلدية طهران بعد هذا وعد بالحوار والتجاوب ولكن منصور أوسنالو أبقي في السجن. في نهاية شهر يناير, النقابة دعت إلى إضراب جديد عين بتاريخ 28 يناير. في هذا اليوم إعتقلت الشرطة وقوات الامن 500 شخص من مجموع 2000 مضرب. بعدها اعلنت السلطات حالة طوارئ.

سنة 2006, عمال شركة إيران خودرو, اضربوا مطالبين بزودة المعاشات. بنفس السنة, في الاول من ايار, الاف العمال من كل انحاء إيران تظاهروا في طهران.

بتاريخ 8 مارس 2007, خمسين الف معلم نزلوا الى الشوارع في مدينة طهران. حوالي خمسة إلى ستة الاف معلم شاركوا في إحتفالات الاول من ايار. في طليعة المتظاهرين كانوا سائقي الباصات الذين هتفوا مطالبين بحرية أوسنالو والصالحي وبالوحدة مع الطلبة والمعلمين.

فهذة الحركة العمالية الجديدة تعيد المشهد الكفاحي لمجالس العمال وللدور المهم الذي لعبه خلال الثورة الإيرانية عام 1979. اليوم الإمبريالية تهدد إيران بالعقوبات الإقتصادية والهجوم العسكري. فنحن في البيان, كإشتراكيين وضد الإمبريالية, ندين اي حظر او هجوم عسكري, كما وندعو الحركة العمالية العالمية والإشتراكيين في كل العالم للوقوف في وجه هذه التهديدات وإدانتها وللدفاع عن حق إيران الشرعي للإمتلاك الطاقة النووية, فليس لإمريكا اية حق ولا شرعية في وضع قوانين عقوبات على أية بلد كان, في حين ان امريكا هي البلد الوحيد الذي إستخدم اسلحة ذرية ضد المدنيين, وكذلك شجعت إسرائيل الى جانب فرنسا على إمتلاك اسلحة نووية. من الناحية الثانية, ندين القمع الذي يمارسه النظام ضد نضال العمال ومنظماتهم. إن افضل وسيلة لمواجهة الإمبريالية هي في تنظيم نضال العمال الإيرانيين, وتضامن العمال في كل انحاء العالم. إن إضطهاد العمال الإيرانيين يضعف الكفاح ضد الإمبريالية. العمال هم المنتفعين الرئيسيين من طرد ودحر الإحتلال الإمبريالي من كل الشرق الأوسط, لأن وجودها لا يجلب إلآ الدمار والموت والعزلة للشعب. لذلك يجب على كل الإشتراكيين في كل العالم تأييد ودعم العمال الإيرانيين, والمساهمة في الحملة التي تطالب بالحرية لزعماء النقابات المسجونين, وبنفس الوقت, المطالبة بإنسحاب القوات الامريكية, وإدانة تهديداتها.

يمكن المساهمة في هذة الحملة عبر هذة الصفحة
www.iwsn.org

فلسطين

فليسقط إنقلاب أبو مازن

ابو مازن, رايس والمرت مصممين على دفن امال الشعب الفلسطيني

منذ أن وضعت الإمبريالية وبمساعدة الامم المتحدة عام 1948 إسفينها الإستعماري المتمثل في الكيان الصهيوني في أرض فلسطين, وهذا الكيان يتعامل كالظابط مع كل ظاهرة ثورية عربية معادية للإمبريالية في منطقة ذو إستراتيجية كبيرة بحكم ثروتها النفطية. لذلك, فمنذ قيام الكيان الصهيوني, وجد الشعب الفلسطيني والعربي عامة نفسه مجبر على النضال من أجل تحرير الارض المُغتصبة ودحر المحتل, الذي ببنيته الاساسية يغتصب الاراضي, يقمع وبحماقة يستخدم الهدنة والمساومات السلمية كخطوة ليشن في كل مرة مزيدا من الإعتداءات العسكرية والتوسع وإستعمار الاراضي.

حركة فتح, الإنتفاضة, إتفاقية أوسلو وولادة السلطة الوطنية الفلسطينية

حركة فتح ومنذ تأسيسها, رفعت شعار الكفاح المسلح حتى دحر الكيان الصهيوني وبناء الدولة الفلسطينية الديمقراطية العلمانية اللاعنصرية, وبهذا إستطاعت ان تعبر عن حاجة الشعب الفلسطيني التاريخية للنضال. مما سمح لفتح ان تتحول إلى القيادة الثورية للجماهير. ولكن, في أوائل الثمنينات, وبعد الهزيمة في لبنان وضغوط الدول العربية الرجعية, عرفات وفتح تخلوا عن البرنامج السياسي.

فالإنتفاضة البطلة ولدت كرد طبيعي على الوضع السياسي الفلسطيني السائد والعاجز عن مواجهة تعديات وعربدة العدو, واخذت الإنتفاضة ببطولاتها تُعبرعن أعلى المستويات النضالية للشعب الفلسطيني العربي, وكان من أهم إنجازاتها هو أنها إستطاعت نقل المعركة من خارج الحدود إلى داخل الاراضي الفلسطينية المُحتلة. إستطاعت الإنتفاضة ان تدخل في مرحلة متطورة من مراحل الصراع ضد العدو الصهيوني, الامر الذي اصبح يهدد إستقرار هذا الكيان ويهدد أطماع الإمبريالية في المنطقة والانظمة العربية المتخاذلة. امام هذة المعطيات المهمة وجدتا الصهيونية والإمبريالية نفسهما مجبرتا على إبرام معاهدة سلام في المنطقة بهدف القضاء على الإنتفاضة وبالتالي إنقاظ الوضع الصهيوني.

فبعد تخلي حركة فتح برئاسة عرفات عن البرنامج السياسي, راحت تتقبل فكرة إقامة الدولتين (الإسرئيلية والفلسطينية) وبدأت تركز سياستها في المساومة مع الإمبريالية. وهذا تجسد في توقيع إتفاقية أوسلو عام 1993 مقابل إقامة دويلة مستقبلية, وموافقة عرفات على إقامة السلطة الوطنية القلسطينية, ذات البنية الإستعمارية والحكم الذاتي المحدود. فبعد تشكيل هذة السلطة في غزة والضفة تولى عرفات وقيادة فتح ذمام الحكم في هذة الإدارة المحدودة وبينوا صفتهم الجديدة كإداريين موظفين تحت ظل هيكلية إستعمارية. فالصهيونية بدورها إستغلت هذا التخاذل وراحت تارة توسع مستعمراتها في الضفة وغزة وتارة اخرى تتصرف كما تشاء في المياه وتبني الاوسترادات لليهود المقيمين في هذة المنطقة متغافلة الحقوق الفلسطينية. وهكذا تحولت حياة الفلسطينيين إلى جحيم جديد, وبينما كان العدو يعربد ضد الشعب الفلسطيني كانت إدارة فتح منهمكة في الفساد, فراحت كوادرها تنهب اموال الشعب وتستخدمها لمصالحها الخاصة, هذا الإهلاك سبب القضاء بشكل سريع على سمعة فتح لدى الشعب الفلسطيني.

فوز حماس في الإنتخابات وضع إتفاقية أوسلو في أزمة

حاولت الإمبريالية وإسرائيل إعطاء غلاف شرعي للحالة الإستعمارية للسلطة الفلسطينية عبر إجراء إنتخابات فلسطينية, غير ان فوز حماس في هذة الإنتخابات كان تعبيرا واضحا لإنتصار الجماهير للفلسطينيينة المتضررة من إتفاقية أوسلو. بالرغم من ان قيادة حماس هي من مرجعية برجوازية وأصولية, غير ان تمسكها ببرنامج الكفاح حتى دحر الكيان الصهيوني, وغياب القيادة الثورية البديلة لتنظيم وخوض النضال الذي بدأته الإنتفاضة, جعل الشعب الفلسطيني يصوت لصالح حماس كرد على خيانة فتح.

الإمبريالية وإسرائيل لم يعترفوا بنتائج الإنتخابات, وراحوا يضغطون على هذة الحكومة الجديدة كي تعترف بالكيان الصهيوني والقبول في متابعة إتفاقية أوسلو. لهذا السبب فرض الصهاينة حصارا إقتصاديا خانقا على الشعب الفلسطيني وجُمدت اموال السلطة القادمة من الوحدة الاوروبية بهدف كسر شوكة الشعب الفلسطيني وحكومته بوسيلة التجويع.

هزيمة صيف 2006 في لبنان ولدت ازمة صعبة في إسرائيل

قبل فترة صرح رئيس البرلمان الإسرائيلي السابق, أبراهام بورغ بأن الصهيونية اصبحت على وشك النهاية. نفهم من هذا أن المخطط الصهيوني أصبح مهدد. فطبيعة الدولة الإسرائيلية كإستعمارية وعسكرية توسيعية تقوم على خدمة المصالح الإمبريالية لا يمكنها هضم الهزيمة التي هددت كفاءاتها العسكرية ولا يمكنها التعايش مع ظاهرة المقاومة المتصاعدة والتي تتوسع كل يوم, وتتجذر نتيجة للدعم الجماهيري في منطقة الشرق الاوسط. لهذا السبب فإن الصهيونية تواجه حاليا أزمة حقيقية تهدد مباشرة كيانها بعد الهزيمة في لبنان. من هذا المنطلق فهي بحاجة ماسة لردة فعل قاسية, وكأول خطوة من أجل هذا الغرض, قام الكيان الصهيوني بتجنيد العملاء ليقوموا بدور السفاحين في الشارع الفلسطيني, مثل عباس وزمرته الذين لا يخدمون إلا مصلحة الصهيونية.

طرد فتح من غزة ودور اليسار الفلسطيني

توترت الاوضاع في فلسطين أبان المعارك الاخيرة ما بين حماس وفتح. فحركة حماس سيطرت عسكريا على الوضع وطردت قوات فتح من قطاع غزة, بينما أعلن رئيس السلطة الفلسطينية محمود عباس بصفته أعلى مسؤول في فتح عن الإنقلاب وفصل حماس عن الحكومة.

أما المنظمات اليسارية الفلسطينية, وصفت ما حصل بالمصيبة, ودعت لوضع حد فوري لهذا الإقتتال ووحدة كلا الطرفين في النضال ضد إسرائيل. هذا الموقف تبنته العديد من المنظمات اليسارية العالمية. صحيح ان هذا الإقتتال يُضعف نضال الشعب الفلسطيني في سبيل التحرير, ولكن إذا قمنا بتحليل أعمق لكل على حدى من القوى المتنازعة, يتضح لنا ان حركة فتح ناهيك عن السرقات, هي لا تدافع عن مصالح الشعب الفلسطيني, وأن قيادتها تحولت إلى عملاء لإسرائيل. هذا التمييز بين الطرفين هو عامل اساسي لإتخاذ المواقف السياسية التي يجب تبنيها من قبل الثوار إتجاه هذا الإقتتال.

إستفزازات محمود عباس, رجل الإمبريالية

بعد موت عرفات, أُنتخب عباس كوارث لهذة الدينميكية. إسرائيل إستمرت في مشروع بناء الجدار العنصري الفاصل, هذا الجدار الذي يشتت الاراضي الفلسطينية, ولم تكتفي بهذا بل إسغلت الظرف وراحت تنهب مزيدا من الاراضي. فقيادة فتح وصلت إلى درجة المبالغة في التعاون مع إسرائيل والإمبريالية ونكتفي بضرب مثل أحمد قريع (رئيسا سابقا للوزراء) هوصاحب الشركة التي كانت تبيع كميات كبيرة من الإسمنت لبناء الجدار العنصري الفاصل.

واضح ان الإمبريالية تدعم عباس للحافظ على رئاسته, فهو كان يعمل بكل ما بوسعه من الداخل والخارج لإجبار حماس على الإستسلام والإنخراط في نفس الطريق الذي سلكته فتح. عباس ليس ذاك الرجل البرجوازي المتخاذل فحسب, بل تحول إلى العميل المباشر لإسرائيل والإمبريالية داخل الاراضي الفلسطينية, بدوره هذا وكأنه يعيد دور حكومة فيتشي في فرنسا ايام إحتلالها من قبل هتلر او كرزاي في أفغانستان. أما جهاز امن حكومته فهو يتلقى دعم من المخابرات الامريكية ومحمود دحلان المسؤول الرئيسي عن هذا الجهاز, أنشأ ما سمي بالجيش الرئاسي الخاص, والذي زود بسلاح امريكي عن طريق إسرائيل. ودحلان هذا كان قد قام بعدة اعمال إجرامية في غزة ضد حكومة حماس وكوادرها, فتراكم التطورات هذة دفع بالامور نحو الاقتتال الداخلي.

الإنقلاب على الحكومة وردة فعل الجماهير التي دفعت بحماس إلى أبعد مما كانت تريده

منذ فوز حماس بالإنتخابات وهي تدعو لتشكيل حكومة وحدة وطنية إلى جانب فتح بالرغم من علمها المسبق بنية عباس للإنقلاب على حكومتها. غير انها إستمرت في دعوتها عبر المحاورات مع مصر والسعودية. حتى شكلت الحكومة بمشاركة عدة وزراء معينين من قبل عباس. لكن هذا التحالف لم يُقبل به ابدا من جانب أمريكا وأوروبا وإسرائيل. لذلك قُطعت العلاقات مع هذة الحكومة التي تجمع بداخلها حماس, إلى ان تعترف حماس بالكيان الصهيوني. في ظل هذا الوضع قام السفير الامريكي في القدس يعقوب ويليس ورجل المخابرات الامريكية كايت دايتون بالتخطيط لتسليح رجال عباس للقضاء على حماس.

هكذا دُبر إنقلاب عباس المسند من الإمبريالية وإسرائيل. غير ان ردة فعل الجماهير الفلسطينية في غزة دفعت بحماس لطرد هذة العصابة

العراق

الشعب يهزم المحتلين

ان الازمة التي تواجها قوى الإحتلال الإمبريالية بعد أربعة سنوات ونصف على غزو العراق, هي نتيجة أعمال المقاومة الباسلة للشعب العراقي ضد الهيمنة الإمبريالية الامريكية. خلال الأشهر الأخيرة تصاعدت هجمات المقاومين ضد قوى الإحتلال وإرتفع عدد القتلى في صفوف جيوشهم. حكومة المالكي "المزيفة" تعيش في حالة من التمزق وعدم الإستقرار, والقوات البريطانية أعلنت الفشل بإنسحابها من البصرة. هذة قد تكون أصعب مرحلة عسكرية وسياسية تمر بها الإمبريالية الامريكية في العراق منذ إحتلاله.

التغيرات في امريكا

ان الشعب العراقي وبدون شك, إستطاع عبر نضاله الدائم وتضحياته بالدم والارواح ان يراكم إنتصاراته ضد عدوه, فخلق أزمات داخل حكومة بوش وأعوانه من الحكومات الأوروبية والعربية التي إنخرطت في قوى التحالف, وأزمة حتى داخل منظمة الامم المتحدة التي أسهمت في بلورة "الكذبة التاريخية" بحق الشعب العراقي.

من الواضح ان إنتصار الديمقراطيين في الانتخابات الامريكية الاخيرة, لمجلس النواب والشيوخ, هو نتيجة عدم ثقة وإرتياح الشعب الامريكي لنتائج الحرب على العراق بحيث 70% من الشعب يطالب بالانسحاب الفوري من العراق. الديمقراطيين صوتوا لصالح بوش بشأن تخصيص 124 بليون دولار لتمويل إستراتيجية بوش الجديدة. هذا يعني ان الطبقة الحاكمة في أمريكا تدعم مشروع بوش الذي يريد الحروب ليصل عبرها إلى أهدافه. وبالرغم من المواقف الخجولة إيحاء وضع برنامج زمني للإنسحاب من العراق, جاءت ضربات المقاومة لتجبر بوش على الكلام مؤخرا عن بدىء الإنسحاب ولو بأعداد صغيرة. أما إنسحاب الجيش البريطاني من البصرة فهو ليس إلا دليل على الهزيمة التي الحقتها به ضربات المقاومة البطلة والمتواصلة في هذة المنطقة. هزيمة بلير في الإنتخابات دلت على حجم الإستياء الشعبي البريطاني إتجاه سياسته الفاشلة في العراق. وعلى المستوى السياسي المحلي بالنسبة للشعب الأمريكي فإن الحرب على العراق باتت فاشلة.

أزمة حكومة المالكي

بإالتزامها مع حكومة المالكي وأزمتها الخانقة من أجل السيطرة على العراق, فإن المشكلة التي تواجهها الإمبريالية الامريكية اليوم, ليست فقط في كيفية السيطرة العسكرية إنما في كيفية إثبات إستقرار سياسي لحكومة متعاونة تكون قادرة على دمج كل الطوائف الدينية والاحزاب لتمرير مخططها, إبعاد المقاومة ودحض نضال الشعب.

إن الفشل العسكري الإمبريالي أمام المقاومة الشعبية أفشل أيضا مشروعها السياسي وهذا إنعكس على الحكومة الخائنة بحيث إنسحب الوزراء الشيعة التابعين لمقتدى الصدر, كما إنسحب ممثلو الحزب السني الرئيسي (جبهة الوفاق) ومؤخرا إنسحب أربعة وزراء سنة من الحكومة. وحتى داخل الطائفة الشيعية أصبحت هذة الحكومة عاجزة على فرض سيادتها والسيطرة عليها. فهناك العديد من الميليشيات تضرب القوات الأنكليزية والامريكية. وبالرغم من مشاركة الصدر في الحكومة وفي البرلمان وتلاعبه مع جمهوره, غير أن قوات جيش المهدي وغيرها من المجموعات الشيعية هي مسؤولة عن 70% من الهجمات العسكرية في جنوب بغداد وجنوب العراق. هذا قبل إعلان الصدر عن الهدنة العسكرية بعد الإتفاق مع حكومة المالكي.

فشل إشتعال الحرب الأهلية

ان عدم قدرة الإمبريالية الأمريكية على النجاح في إشعال الحرب الأهلية في العراق, بات يعرقل أكثر خروجها من الأزمة. وكمحاولة جديدة, فإن الإمبريالية راحت تسلح قبائل وعشائر دينية لتقيم العداء بينهم. فالهجمات على المساجد والمدنيين من كافة الطوائف ليست إلا من تدابير الإمبريالية الأمريكية بهدف إشعال نار الفتنة والحرب بين الطائفة الشيعية والسنية والاكراد. من ناحية اخرى إزداد السجال الشخصي والتهم بين بوش والمالكي حول مسألة الامن في بغداد. كل هذا إن دل فإنه يدل على حجم الازمة التي تعيشها الإمبريالية الامريكية ابان عدم قدرتها في السيطرة السياسية ولا حتى العسكرية على الوضع في العراق, كما تدل أيضا على حجم المأزق الذي دخلوا به أعوان الإمبريالية بحيث أظهرت الحكومة العراقية المزيفة منذ اللحظة لاولى عدم القدرة على قهر المقاومة, وعجزها في السلطة وعدم تحليها بالثقة لحكم وإدارة العراق.

بإنسحاب القوات البريطانية من البصرة, أمريكا تجد نفسها وحيدة في الإحتلال اليائس

ليست وحدها أمريكا الغارقة في الازمة, فالحكومة البريطانية مصرة على أن إنسحابها من البصرة لايعد هزيمة. هذة صفعة جديدة ضد الإمبريالية الأمريكية, في أكبر أزمة سياسية تشهدها منذ بداية الإحتلال في مارس 2003, بحيث اكبر حليف لأمريكا لم يستطع الصمود في الحرب البائسة.

فالدول المتغطرسة في السياسة الإمبريالية كان إنسحابها من العراق بالشكل التالي, أولا إنسحبت الدنمارك, ثم أوكرانيا, تلتها إسبانيا, ثم نيكاراغوا, ثم الجمهورية الدومينيكية, ثم هوندوراس, ثم الفيليبين, ثم تيلندا, ثم البرتغال. بهذا تكون قد تفككت قوى التحالف, وهذا ما يعكس حالة السقوط الكامل للسيطرة الإمبريالية.

موقفنا

لإجهاض أخر المحاولات من المؤامرة الإمبريالية نؤكد انه لا بد من تشكيل قيادة ثورية وبرنامج نضالي قادرين على توحيد الكفاح ضمن إطار المقاومة من أجل التحرير الوطني والسيطرة على الحكم وإبداله بحكومة تمثل العمال الكادحين من كافة الطوائف. فقط عبر هذا البرنامج يمكن قيادة النضال الوطني وإطاحة حكومة المالكي وإبعاد البرجوازية المتدينة التي تبحث عن مساومات مع الإمبريالية. إن المخرج الوحيد هو بناء القيادة الثورية القادرة على توحيد نضال الشعب العربي من أجل دحر الإمبريالية وعملائها الأنظمة العربية العميلة والصهيونية من البلاد العربية.

لبنان

المقاومة هزمت الصهيونية: إذا لا للوحدة الوطنية مع السنيورة

ان حزب الله هو أحد الأعداء الرئيسيين لأمريكا والصهيونية في البلاد العربية, فإذا هُزم, أصبح من السهل الوصول إلى اهداف أخرى, لذلك يريدون إما القضاء عليه وإما تجريده من السلاح كي يضربوا بشكل غير مباشر الحركات الثورية في بلدان أخرى.

حزب الله, حكومة السنيورة وما تعنيه المقاومة

بعد النصر التاريخي الذي حققته المقاومة الباسلة والشعب الصامد في الحرب مع إسرائيل, حزب الله اصبح في موقع القوة وبدأ يطالب بتغييرات متلائمة مع الوضع. فمطالب حزب الله لغاية الأن محدودة ضمن إطار تشكيل حكومة وحدة وطنية وبمشاركة أكبر للمعارضة, بإعتقاده هكذا حكومة قد تكون قادرة على عزل الفئة الوحيدة المستفيدة من الحكم والتي لم تتغير في جوهرها منذ عهد الإستقلال. من ناحية أخرى مشاركة الزعماء الطائفيين كعون ممثلا فئة طائفية في هذة الحكومة التي سيكون للسنيورة والحريري ثقل أيضا, هكذا حكومة ستدع التركيب النظامي الطائفي للبلد على حاله دون حل المشكلة جذريا.

أما رئيس الوزراء في الحكومة "المزيفة" فؤاد السنيورة, فهو يتمتع بعلاقة مباشرة مع الأمريكان وبدعم أوروبي ودولي وحتى تأييد إعلامي من الكيان الصهيوني, وبصفته موظف لدى عائلة الحريري فلديه علاقات شخصية رفيعة المستوى مع رجال أعمال ذو أهمية سياسية على المستوى الدولي, وهو من المناصرين لفكرة السوق الحرة, وخلال فترة حكمه طبق العديد من مشاريعه النيوليبرالية, مما زاد الاغنياء ثراء والفقراء جوعا. أمام هذه الظاهرة فالوضع في لبنان بات يُولد شرخ طبقي جديد مما يفتح المجال امام إمكانية ربما قبل أوانها للصراع الطبقي المُحتم مستقبليا, بالرغم من كل الإصلاحات المُقدمة اليوم من طرف المعارضة.

سلاح المقاومة

بهدف نزع سلاح حزب الله وإضعافه سياسيا في لبنان, وبهدف قتل آمال الشعب العربي الذي يناضل من اجل التحرر, فإن كسر حزب الله من هذا المنطلق يعني شل القاومة في العراق وفلسطين وبهذا تضع الإمبريالية ومن موقع القوة شروطها للمساومة حول مشروع السلام في المنطقة. فالمخطط الإمبريالي الصهيوني يحاول في كل مرة نصب فخوخ جديدة أمام حزب الله, وما عمليات الإغتيالات للسياسين اللبنانيين إلا دليل واضح على وقاحة الإدارة الامريكية والموساد الصهيوني لإرباك لبنان في حرب اهلية تضعف حزب الله وتشل المقاومة.

مخيم نهر البارد والمؤامرة الكبرى

في 20 من ابريل لهذا العام, شن الجيش اللبناني هجوما على المخيم الفلسطيني "نهر البارد" للقضاء على مجموعة "فتح الإسلام", وكانت نتائج هذة الحرب وخيمة ومؤلمة بالنسبة للشعب الفلسطيني الذي دفع مرة جديدة ثمن المؤامرة, وبعد 106 أيام من الحصار والمعارك سقط المخيم بإعلان الجيش سيطرته على المخيم, ولغاية الأن لم يصل القضاء اللبناني إلى نتيجة في التحقيقات حول جذور هذه المجموعة الإرهابية ومن وراءها. خلال المعارك سقط عما يقارب 158 قتيلا عسكريا. لكن الوضع كان أسوء بكثير بالنسبة للاجئين الفلسطينيين, فاليوم لا توجد مواد غذائية في المخيم, لا توجد كهرباء ولا ماء, ولا أدوية أو طبابة. بعبارة أخرى وُضع المخيم تحت مجزرة جديدة من أجل تمرير مؤامرة جديدة.

إن واحدة من الإسترتيجيات التي تعتمدها أمريكا, هي تمويل جماعات سنية "إرهابية" أو غير إرهابية, لمواجهة المنظمات الشيعية وإيقاف توسعها في منطقة الشرق الاوسط. المخطط الإمبريالي الاساسي من وراء تسليح منظمة فتح الإسلام كان يهدف لإشعال حربا مستقبلية مع حزب الله.

وحسب ما جاء في المقابلة الصحافية التي أجرتها السي أن أن (CNN 25/05/2007) مع الصحافي سيمون هيرش, فإنه يظهر في مقالته معتمدا على أدلة, أن حكومة السنيورة بالتعاون مع أمريكا والامير السعودي بندر, قاموا بتركيب وتسليح وتمويل فتح الإسلام التي كانت ستُستخدم كأداة في حالة نشوء الحرب مع حزب الله.

في الحقيقة ان هذة الحرب هي جزء من العملية العسكرية الكبرى التي تشنها الإمبريالية في المنطقة العربية, ففي لبنان تحاول الإمبريالية تبرير هزيمة الجيش الصهيوني, ولكي تتدخل اكثر في الشؤون اللبنانية والازمة, فالإدارة الامريكية منحت حكومة السنيورة 280 مليون دولار كما ارسلت أطنانا من السلاح لتقوية جيشه ولتشريع وتمويل هذة الحكومة التي تشرع الابواب امام الإمبريالية كي تدير الازمة. هذا التدخل هو جزء من المخطط الإمبريالي للمنطقة, لضرب سوريا والمقاومة التي يقودها حزب الله.

إن التبريرات التي تستخدمها الإمبريالية لضرب مجموعة فتح الإسلام ليست إلا خدعة جديدة من خداعاتها السياسية, لإشعال الحرب الاهلية في لبنان وإضعاف موقف حزب الله وبهذا تبرير عملية نشر قوات الطوارئ الدولية على الحدود بين لبنان وسوريا ومن ناحية أخرى, الضغط على حماس لقبول مشروع عباس الذي لا يقدم إلا التنازلات من الجانب الفلسطيني والتي تهدف في نهاية المطاف بالنسبة للحالة اللبنانية إلى التخلي نهائيا عن قضية اللاجئين الفلسطينيين.

إتجاه هذة الازمة لم يكن لحزب الله موقف واضح كي يبتعد كليا عن فكرة المساومة مع هذة الحكومة الموالية للإمبريالية, فحزب الله بصفته الوطنية وجوهره البرجوازي, امام هذا الوضع السياسي المعقد والصعب, راح يدعوا مجددا لتشكيل حكومة طوارئ وطنية وكأنه غير معني من هدف المعارك التي يديرها الجيش في المخيم.

كلمتنا وموقفنا

ان البلاد العربية وبالاخص لبنان, فلسطين والعراق يشكلون حاليا الجبهة الاولى في الصراع ضد الإمبريالية وحليفتها الصهيونية, ونؤكد بأن هزيمة الإمبريالية والصهيونية تعتمد على مدى تطور وتقدم حركات المقاومة في منطقة الشرق الأوسط بقدر ما تعتمد على دعم القوى اليسارية العالمية.

فالإنتصار المحقق على إسرائيل أظهر للشعب العربي والمسلم بان هزيمة الكيان الصهيوني ممكنة إذا ما وُحد النضال. إن نضال الجماهير المُضطهَدة اللبنانية والفلسطينية, هو الطريق الوحيد للخروج من المحنة الراهنة ولمواجهة الهجمة الإمبريالية. في هذا السياق نضع أنفسنا إلى جانب الشعبين اللبناني والفلسطيني ضد هذة الهجمة الإمبريالية التي تهدف إلى إغراق الشعوب المُضطهَدة في الحروب الاهلية والمزيد من المصائب. نناشد حزب الله بعدم الإعتراف بحكومة السنيورة وبالإنشقاق كليا عنها وعدم المساومة معها.

إن السبيل الوحيد للإطاحة بهذة الحكومة الموالية للإمبريالية هو توحيد كل القوى الثورية العريقة تحت قيادة ثورية لخوض المعركة ضد الكيان الصهيوني ولإقامة دولة العمال اللبنانيين الذين منذ عقود يناضلون ويضحون من اجل حياة افضل.

كلمة التحرير

لماذا البيان

جريدة البيان الإشتراكي, هي المطبوعة الشهرية للرابطة العالمية للنضال العربي, تعكس تعهدها في متابعة التحاليل السياسية العالمية البارزة, كما تركز بشكل اساسي على تغطية احداث الصراع الطبقي في بلادنا العربية والنضال ضد الإمبريالية وحليفها الكيان الصهيوني الإسرائيلي.

ليس من الممكن وجود اية منظمة او اي تيار سياسي ثوري حقيقي بدون صحافة حزبية دورية, ليس فقط كنشرة إخبارية, بل بشكل أساسي لتحليل كل حدث في مسار الصراع الطبقي.

إن المحتوى للتحليل السياسي يرتكز على وجهة النظر الإشتراكية, فمن المهام الثورية إحتضان هذه الفكرة المخلصة , لأنه عبرها يمكن توسيع مجال المساهمة في النضال ضد الإمبريالية التي تخوضه طبقتنا العاملة في البلاد العربية والتي في هذا الوقت تحتاج للدعم من قبل كل الثوار في كل انحاء العالم.

وسط هذة الحرب الهستيرية التي تثيرها الإمبريالية الامريكية, نؤيد كحق طبيعي اي شكل من أشكال النضال التي يعتمدها الشعب المُستهدف, كما ونؤكد بنفس الوقت بأنه وحدها طريقة الثورة البروليتارية العالمية هي القادرة على إسقاط الهيمنة الإمبريالية الامريكية التي تهدد الكرة الارضية. ليست هناك أية حكومة عربية تدافع عن نضال الشعب العربي بشكل فعلي, لا تلك الحكومات الموالية للإمبريالية ولا حتى تلك التي تدعي أنها إشتراكية. بذات الوقت ومن ذات الموقع نؤيد كل حركات المقاومة العربية التي تقاتل ضد الهيمنة الإمبريالية وحلفائها كالصهيونية والانظمة العربية الرجعية, كما ونؤكد ان بناء الحزب الثوري الاممي وحده يمكنه قيادة الجماهير المنتفضة حتى النصر الاخير.

في هذا السياق نؤيد المقاومة العراقية, واللبنانية والافغانية والفلسطينية بالوقت نفسه لا نضع كامل ثقتنا في قياداتها لأنه بموجبها ذات الصيغة البرجوازية فهي مستعدة دائما للحوار والمساومة مع الإمبريالية من اجل اية إتفاق قد يريحها ويلائمها. كما وندافع عن حق التعبير الحر للجماهير العربية, حق الوظيفة لأي كانت جنسيته أو وضعه في اي بلد عربي, حق الأجور العادلة, حق الجنسية وحق الحرية للمرآة كي يكن لها دورا أكبر في البناء الثوري والإجتماعي.

واخيرا نجدد بأننا نضع قضية فلسطين في قلب نشاطنا المناهض للإمبريالية والصهيونية، وندعم ونؤيد نضال الشعب الفلسطيني من اجل تحرير كل الاراضي الفلسطينية المغتصبة ودحر الكيان الصهيوني وعودة اللاجئين وإقامة الدولة الفلسطينية الديمقراطية العلمانية اللاعنصرية لكل من يعيش في فلسطين, كخطوة في الطريق نحو الإشراكية وقيام فدرالية الجمهوريات الإشتراكية العربية في الشرق الأوسط.

هيئة التحرير: صادق أمين, أحمد نعيم, عزيز ناصر, نادية خليل, طارق قادر, حسن البرازيلي ومحسن داوود

مصر

الإضرابات تهدد مبارك

لقد سجل عمال مصر إنتصارا كبيرا عبر الإضرابات التي اقاموها لمدة إسبوع, وإحتلوا أكبر مجمع صناعي مصري يوم 28 ستمبر, فخلال هذا الإضراب24 الف عامل في الشركة الحكومية للغزلMisr Spinning and Weaving في مدينة المحلة الكبرى إستطاعوا الحصول على الحوافز لمدة 90 يوم من الاجور وقد تصل الى 130 يوم. هناك تعديلات لزيادة على الاجور الاساسية قد تصل إلى نسبة 7%, وشكلت هيئة لمراقبة أجواء العمل وحالة العمال والالبثة, والاهم من ذلك كله, هو أن رئيس هذة الشركة الحكومية محمود الجيبالي المشهور بالفساد, واعضاء إدارته طردوا كلهم من الشركة, هذة الفترة من الإضرابات إعتبرت كإجازة مسددة.

هذة الحركة الإضرابية إبتدأت بثلاثة ألاف عاملة حيث توجهن انذاك إلى فروع أخرى للمصنع هاتفين "أين الرجال؟" فإلتحق عمال هذة الفروع معهم فورا وتجمعوا امام المجمع وراحوا يهتفون "نريد الحوافز لشهرين" وإحتلوا المجمع. فقامت الشرطة بمحاصرة الشركة وقطع الماء والكهرباء, وكرد قام العمال بدعوة عائلاتهم والأهالي المجاورين للحضور, فتجمع امام الشركة عشرون الف مناصر. وقام الطلاب في العديد من المدارس بالإضرابات. واقيم دفن رمزي لكل اعضاء إدارة الشركة. في نهاية المطاف, إستجابت الحكومة لمطالب العمال بدفع الحوافز لمدة 45 يوم وقدمت تعهدات بعدم خصخصة الشركة. هذا يعد الإضراب الثاني في أقل من سنة, ففي ديسمبر من العام الماضي, توقف العمال عن العمل لمدة 4 أيام للتنديد ضد التهديدات بعدم دفع الحوافز وضد الخصخصة. هذة الحركة العمالية واجهت الحكومة وإدارة المصنع وبنفس الوقت زعماء نقابات الغزل الغير معنيين. بعد هذا الإضراب نظمت حركة من أجل التغيير داخل العمل النقابي, 14 ألف عامل وقعوا طلب إستقالة النقابيين المحليين.

إضراب غزل المحلة يشكل النقطة الاهم ضمن سلسلة من الإضرابات التي إنطلقت في سنة 2004, وهو الاكبر منذ نهاية الحرب العالمية الثانية. بعد حرب الخليج سنة 1991, وقعت الحكومة المصرية عقد مع البنك الدولي ينص على تعديلات إقتصادية, وهذا سبب في تشجيع مشاريع الخصخصة والمراوحة في تسديد حقوق العمال وسبب الغلاء.

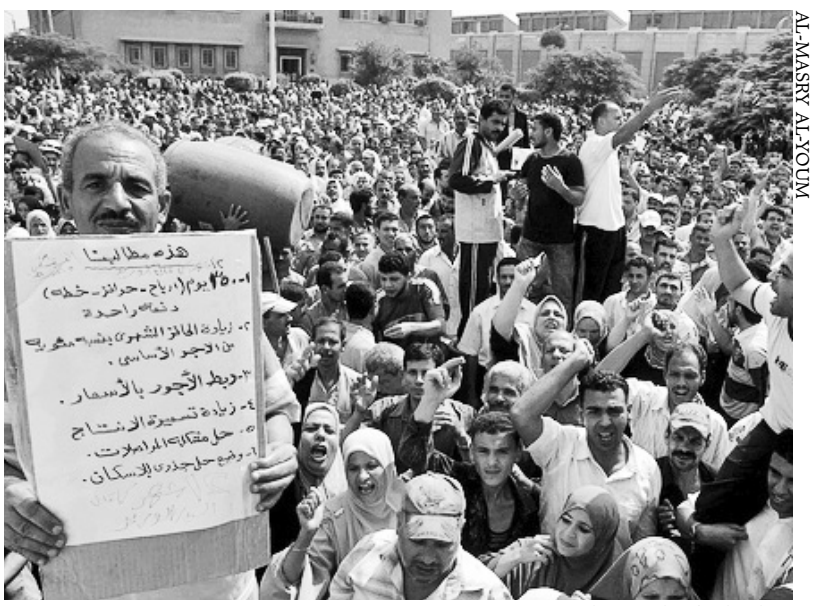
فهذة الموجة من الإضرابات تختلف عن الإضرابات التي حصلت سابقا في عقد الثمنينات والتسعينات والتي إنحصرت ضد القطاع الحكومي, بحيث أنها هذة المرة توسعت لتشمل القطاع الخاص أيضا. ففي مارس وأبريل ستة الاف عامل غزل توقفوا عن العمل في شركة Arab Polvara للغزل في الإسكندرية لمدة يومين. مطالبين بتقسيم عادل للارباح ونسبة في ارباح الأسهم وضد إلغاء الإعفاء الصحي والإسبوع المسدد.

ومن الملفت للنظر ايضا هي العملية التي سميت بالسلحفة, لعمال السكك الحديدية في القاهرة, بحيث أقاموا في شهر يناير بنشاط تضامني مع المهندسين في السكك الحديدية الذين شلوا سكة الحديد التي تمتد ما بين القاهرة والإسكندرية. وهنا نذكر بأنه هناك تيار يطالب بجمعية نقابية مستقلة عن الحكومة, مماثل لإتحاد الطلبة الذي شكل بزخم من الإخوان المسلمين والتروتسكيين الذين ينتمون لمنظمة إشتراكية ثورية.

إن غالبية هذة الإضرابات كانت ناجحة, ولكن ردة فعل حكومة مبارك المتمثلة بالعنف والقمع توسعت ايضا. فهذة السنة أصدر مبارك قرار بإقفال مركز خدمات تابع للعمال والنقابيين(CTUWS) وقدم دعوة ضد القياديين في هذا المركز. الحكومة تتهم الإخوان المسلمين (أكبر أحزاب المعارضة والذي إنتخب 88 نائب عام 2005) والإشتراكيين بإنهم المسؤولين عن الإضرابات. فالإخوان المسلمين ليس من تقاليدهم الإنخراط في الحركات العمالية, وفي الماضي كانوا يساعدون الحكومة في مكافحة الإضرابات. واليوم امام هذة الحالة من الإضرابات هناك إختلاف في الرأي داخل الإخوان.

AL-MASRY AL-YOUM

العمال يقومون بالدفن الرمزي لإعضاءادارة المصنع



AL-MASRY AL-YOUM

مطالب العمال والحضور النسائي

أما مبارك فإنه يواجه اليوم عدة جبهات, فمن ناحية هناك الإضرابات العمالية والطلابية, ومن الناحية الثانية هناك مشاكل مع الإخوان المسلمين, مع الصحافيين المستقلين, مع القضاء ومنظمات غير حكومية ودعاوي ضده بعدم إحترام حقوق الإنسان.

فالعمال أصبحوا اليوم يربطون معاناتهم اليومية وإفلاسهم بسياسة الحكومة مثل, غياب الديموقراطية والفساد وخدمة المصالح الامريكية وعدم دعم المقاومة الفلسطينية والعراقية, ناهيك عن وضع البطالة المتزايد والفروقات الإجتماعية بين اللأغنياء والفقراء. كل هذا في مصر يدل على إمكانية إسقاط حكومة حسني مبارك الموالية للإمبريالية.

البيان الإشتراكي

عدد 01 - أكتوبر 2007

تصدر عن الرابطة العالمية للنضال العربي

OMAR SAID

عمال مضربين في غزل المحلة, مصر

نضال الشعب العربي وأزمات الإمبريالية

إن المخطط الإمبريالي الصهيوني بات كل مرة يغرق اكثر في المستنقع الذي يخلفه المسار الثوري في البلاد العربية, من جهة أخرى اصبحت هيكلية قوى المقاومة اكثر صلابة في كل من العراق, فلسطين, لبنان و أفغانستان. فالإمبريالية كي تخرج من مأزقها الجديد باتت تتوسل الى سياسات واتفاقيات عسكرية مع مجموعات وأنظمة عميلة لتقسيم وإجهاض نضال الشعب و بهذا تقوية عملائها.

لكي توقف ازمتها والتي لا تهدد مشروعها فقط بل تهدد عملائها في المنطقة ايضا, فالإمبريالية بدأت تراهن على حلول وإستراتيجيات جديدة للبلاد العربية. فبعد أربعة سنوات ونصف على إحتلال العراق, إستطاعت المقاومة العراقية ان تكبد بالفشل أكبر قوة عسكرية عرفتها الإنسانية. أما في لبنان فالمقاومة التي يقودها حزب الله هزمت الجيش الصهيوني الإسرائيلي هزيمة تاريخية, والمعارضة اللبنانية التي حزب الله يشكل جزىء منها تهدد إستقرار مخطط حكومة السنيورة المتخاذلة, وفي فلسطين حركة حماس هزمت محمود عباس وجهازه العسكري بعد معارك طويلة في قطاع غزة, وفي أفغنستان بات يتصاعد بشكل نوعي عمل المقاومة ضد الإحتلال وبدأ ينعكس الحسم العسكري في هذا البلد.

فالإمبريالية الامريكية كي تكسب مجددا الدعم الدولي, هي تحاول رسم مسلسل جديد من الكذب, هذه المرة ضد إيران وسوريا. فهي تحمل هذان البلدان مسؤولية الإرهاب في العراق, كذلك تحمل إيران مسؤولية خطر الاسلحة النووية, في حين ان إسرائيل تمتلك منذ أكثر من 20 سنة أسلحة نووية بمساعدة الإمبريالية الفرنسية والامريكية. إن السياسة الإمبريالية-الصيونية لا تقبل ولا بأي شكل بأن تمتلك هذة الدول طاقاتها الذاتية و«المستقلة», بالرغم من إمتلاك هذة الانظمة النية الدائمة للمساومة. فالحكومة السورية والإيرانية بإمكانهما وضع السياسة الإمبريالية في مأزق حرج لو أرادا فعلا ذلك. ولولا دعم إيران لحكومة المالكي مثلا لسقطت هذة الاخيرة واصبح وضع الإحتلال الامريكي معقد أكثر. لكن أحمد نجاد يفضل ويسعى لتحالفات مع الدول المجاورة مثل حكومة كرزاي, واعدا ببسط الامن في المنطقة. بدلا من دعم المقاومة التي أصبحت تهدد كل يوم إسقرار الاحتلال الإمبريالي وكذلك إستقرار هذة الحكومات. الامبريالية الامريكية بالتعاون مع الوحدة الاوروبية لا تريد تضيع الوقت, بل تريد من حكومات المنطقة ان تستسلم كليا. فأمام الهزيمة في لبنان ها هي الإمبريالية تبيع سلاحا بمليارات الدولارات للكيان الصهيوني, مصر, قطر, البحرين, السعودية, الإمارات العربية وعمان. بهذه «الخطط البديلة», الإمبريالية تعتزم ردع العملية الثورية العربية وتقوية الكيان الصهيوني و تسليح الدول الرجعية العميلة للضغط على إيران وسوريا. بهذه الوسيلة تبحث الإمبريالية عن مخرج لها من ازمتها لتعزيز مصالحها في المنطقة عبر السيطرة المباشرة على النفط وعبر الإستعمار السياسي والسيطرة العسكريةالدائمة.

إقرأ في هذا العدد

كلمة التحرير: **لماذا البيان** • ص2

مصر: **الإضرابات تهدد مبارك** •ص2

العراق:**الشعب يهزم المحتلين** •ص3

لبنان :**لا للوحدة الوطنية مع السنيورة** •ص3

فلسطين :**فليسقط إنقلاب ابو مازن** •ص4 و 5

إيران :**الحرية للنقابيين المعتقلين** •ص5

يمكنكم الإتصال بنا عبر هذا البريد الإلكتروني albaian5@gmail.com

www.arabe.marxismo.info

طبعت في البرازيل

المساهمة ما يعادل 1 دولار أمريكي